



GORGULHO

Boletim Informativo sobre Biodiversidade Agrícola
COLHER PARA SEMEAR – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais
ano 4 . nº9 . Primavera de 2008. Distribuição gratuita a sócios

No mundo das Abóboras



e ainda:

Small is Beautiful
O Lugar da Sebe na Agricultura
Rede de Guardianes de Semillas do Equador
Relações de Cidadania entre Produtores e Consumidores

INDICE

EDITORIAL.....	2
IN SITU – EX SITU.....	2
APELO AOS SÓCIOS.....	4
ACTA DA REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL.....	4
CAMPANHA DE ÁRVORES TRADICIONAIS.....	5
PEDIDOS DE SEMENTES.....	5
SMALL IS BEAUTIFUL.....	6
(O QUE É PEQUENO É BELO).....	6
LEVANTAMENTO DE VARIEDADES REGIONAIS DO PLANALTO MIRANDÊS.....	8
DIA INTERNACIONAL DA LUTA CAMPONESA.....	9
RELAÇÃO DE CIDADANIA ENTRE PRODUTORES E CONSUMIDORES.....	11
O LUGAR DA SEBE NA AGRICULTURA.....	12
VISITA AO EQUADOR.....	13
E A RED DE GUARDIANES DE SEMILLAS.....	13
INTERCÂMBIO COM OS "GUARDIANES DE SEMILLAS" DO EQUADOR.....	14
LISTA DE SEMENTES.....	14
AS ABÓBORAS.....	15
DIVERSIDADE PLANETÁRIA CONGRESSO MUNDIAL SOBRE O FUTURO DA ALIMENTAÇÃO E DA AGRICULTURA.....	19
BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO.....	20
COMO CONTRIBUIR?.....	20

Ficha Técnica

O Gorgulho, nº 9 – Primavera de 2008

Boletim Informativo Sobre Biodiversidade Agrícola

Director: José Miguel Fonseca

Edição: Colher para Semear – Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais

Coordenação e Redacção: Fátima Teixeira

Fotos e gravuras: Graça Ribeiro, José Miguel Fonseca, Mena Vieira, Plataforma Transgénicos Fora, Red de Guardianes de Semillas, Telma Guerreiro

Colaboradores neste número: Eduardo Trindade, Fátima Teixeira, Jorge Ferreira, José Eduardo Amorim, José Mariano Fonseca, José Miguel Fonseca, Plataforma Transgénicos Fora, Sabine Mengel, Telma Guerreiro.

Contactos: Quinta do Olival, Aguda, 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS
Tels. 236622218 Tm. 914909334
colherparasemear@gmail.com

Colaborações são bem vindas. O *Gorgulho* existe para dar voz aos associados. Os vossos pontos de vista e experiências são importantes para

enriquecer esta publicação. Escreva-nos, faça-nos chegar o seu texto.

EDITORIAL

IN SITU – EX SITU

José Miguel Fonseca

A abertura do Banco Global de Germoplasma em Svalbard (uma ilha do Ártico ao largo da costa da Noruega) no dia 26 de Fevereiro deste ano, foi largamente badalada por todos os meios de comunicação social, como se de um acto de importância e assentimento geral se tratasse. Porém, nem todos comungam deste entusiasmo e põem algumas questões pertinentes, as quais não foram publicadas senão em artigos de leitura reduzida e marginal, como se de pouco interesse tivessem. Gostava de expôr de seguida alguns dos pontos de divergência.

Primeiro, a própria localização do Cofre do Holocausto, como já foi apelidado: uma ilha

do Ártico é certamente um local seguro, embora a rota da frota nuclear russa passe precisamente por esse local. A questão seguinte é o acesso do cofre em caso de uma catástrofe destruir as reservas mundiais de sementes. Seria possível uma deslocação a uma ilha do Ártico? Com que meios? Como seriam distribuídas as sementes, nessas circunstâncias? Segundo os regulamentos os depósitos são exclusiva propriedade dos depositores!

Outro inquietante facto é o do financiamento; a Fundação Gates apoia o envio das colecções dos países do Sul, assim como a Syngenta e a Dupont também contribuem, embora indirectamente, com actividades relacionadas com a fundação gestora do banco, a Global Crop Diversity Trust que por seu turno mantém e é responsável pelo funcionamento da instituição.

A contaminação do banco com transgénicos também não foi nem está precavida: os depósitos não são analisados à entrada, sendo esta prática agravada pela aceitação de contribuições de corporações com ligação à multiplicação de sementes manipuladas geneticamente. Na realidade toda a indústria de sementes tem porta aberta, facilitando a entrada de material contaminado seja de forma accidental ou propositada.

O assunto mais controverso e delicado é o da posse do material depositado. Segundo o artigo décimo do Tratado de Sementes, o depositador é a única entidade a ter acesso, sendo obrigado a duplicar o depósito noutra banco de germoplasma, mas sem o identificar. Isto significa a exclusão dos intervenientes mais importantes, ou seja os agricultores, principalmente os pequenos, paradoxalmente os maiores contribuintes de germoplasma. Por esta via estas pessoas serão certamente omissas sendo-lhes negado o acesso às sementes por si próprias produzidas.

Contrariamente à enorme publicidade envolvendo a construção e abertura do cofre global, as sementes ali depositadas estão envolvidas numa teia de secretismo, pois só o depositador pode divulgar qual o material depositado e o local onde estará em

duplicado. Queria lembrar que os grandes fornecedores serão os bancos de germoplasma nacionais e as grandes multinacionais de sementes, não propriamente conhecidos pela transparência.

Convém recordar as origens das sementes e da sua multiplicação; ao longo de milénios os pequenos agricultores foram multiplicando, seleccionando e por vezes criando novas variedades de todas as espécies comestíveis, cultivadas na maior parte do globo. Eles foram e são os verdadeiros guardiões deste património, hoje tão cobiçado por meia dúzia de corporações, intentas em controlar a origem.

A partilha da semente sempre foi uma prática instituída, motivando por seu turno uma saudável vizinhança e irmandade. Conseguiram transmiti-la aos presentes precisamente através desta generosidade, a consequência é a biodiversidade agrícola que atingiu uma dimensão excepcional, mas que tem vindo a declinar desde os anos 1970. Actualmente continua em perda acelerada, a qual a Grande Arca de Noé da Noruega não vai evitar.

O futuro da biodiversidade das culturas agrícolas, reside na continuidade do minifúndio; mantendo e criando variedades com os seus conhecimentos transmitidos pelos nossos antepassados, via da observação, percepção e no trabalho diário, numa simbiose com a Mãe Terra, assim cuidando de forma viva e palpável, semeando, cultivando e renovando a semente.

Posso admitir que a ideia de todo o espólio mundial de germoplasma, concentrado num único banco, possa fazer algum sentido aos menos esclarecidos. A História indica o contrário, quase sempre se revelou desastroso colocar tudo no mesmo local. A sensação de segurança na concentração é um dos piores erros da Humanidade, só suplantado pelo esquecimento dos mesmos.

Vamos continuar a disseminação das nossas sementes, mantendo-as activas para as venerar como justamente merecem, e não pretender por outro lado, inocentemente, num descargo de consciência colocá-las num *bunker* inútil à espera do apocalipse,

acreditando na hipótese ridícula de as poder utilizar após tal cenário.



COLHER PARA SEMEAR

**REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS**

§

APELO AOS SÓCIOS

Solicita-se aos sócios com quotas em atraso, o favor de as liquidar o mais breve possível. Aproveitamos também para lembrar que as quotas de 2008 devem ser pagas no 1º trimestre deste ano, conforme estipulado no Regulamento Interno da associação. Desde já agradecemos a vossa compreensão e o vosso apoio para que possamos continuar a desempenhar o melhor possível a nossa missão.

Assim, os associados com quotas em atraso poderão regularizar a sua situação junto da Direcção através dos contactos já conhecidos (ver Ficha de Inscrição de Sócio no final do boletim).

§

ACTA DA REUNIÃO DA ASSEMBLEIA GERAL

Jorge Ferreira

A Assembleia Geral da associação decorreu a 2 de Março em Lisboa, tendo como ordem de trabalhos os seguintes pontos:

- Informações;
- Apresentação do relatório de actividades de 2007;
- Apresentação do relatório de contas de 2007;
- Apresentação do plano de actividades para 2008.

Do relatório de actividades de 2007, destacam-se as seguintes:

- distribuição de sementes a cerca de 25 associados;
- publicação de 4 números do boletim trimestral “O Gorgulho”;
- levantamento das variedades regionais do concelho de Odemira, e posterior edição desse documento;
- organização do “Ao Encontro da Semente 2007”, em Odemira;
- participação no Encontro Europeu de redes de sementes, em Halle (Alemanha);
- actualização do Catálogo de Variedades da associação;
- recolha de material vegetativo e reprodução de árvores de fruto do concelho de Sesimbra.

Quanto às contas de 2007, elas foram aprovadas com o parecer favorável do Conselho fiscal. O resultado do exercício foi de 3.776 euros e os resultados transitados para 2008 foram de 6.777 euros.

Este resultado positivo deve-se, em grande parte, ao muito trabalho de voluntariado das pessoas mais intervenientes nas actividades, nomeadamente o Presidente da associação e restantes membros da Direcção.

Quanto ao plano de actividades para 2008, são de realçar as seguintes acções:

- recolha de material vegetativo e reprodução de árvores de fruto e videiras do concelho de Odemira;
- disponibilização aos associados das árvores de fruto de Sesimbra reproduzidas em 2007;
- publicação de mais 4 números do boletim trimestral “O Gorgulho”;
- publicação do levantamento das variedades da Península de Setúbal;
- publicação do levantamento das variedades do concelho de Odemira;
- organização do “Ao Encontro da Semente 2008”, em Miranda do Douro;
- levantamento das variedades do concelho de Miranda do Douro e, se possível de concelhos limítrofes, considerando o apoio financeiro duma empresa de energias renováveis, para esse trabalho;
- reprodução “in situ” de parte do património de sementes da associação.

Todos os relatórios foram aprovados por unanimidade dos associados presentes.

Finalmente registamos o número de associados em 2007, que ultrapassou a centena (107).

§

CAMPANHA DE ÁRVORES TRADICIONAIS

Notícias da associação

A primeira oferta de árvores de fruto enxertadas com variedades tradicionais esteve disponível aos sócios durante os meses de Inverno. Foram entregues 168 exemplares de macieiras e pereiras. As mais solicitadas nas macieiras foram as variedades Camoesa Riscada, a Vermelha de Sesimbra e a Riscadinha, tendo-se esgotado todas as três. A maçã Espelho e o Pêro Pipo também registaram boas saídas. Nas pereiras que eram em menor número esgotaram todas as variedades disponíveis.

As restantes árvores serão envasadas e estarão em oferta no próximo Inverno. São na sua maioria macieiras da região Centro-Norte que suscitaram menos interesse.

A recolha de material lenhoso para enxertia, no concelho de Odemira, no seguimento do levantamento levado a cabo no ano passado foi efectuada nos meses de Janeiro e Fevereiro.

As figueiras foram estacadas para enraizamento, assim como as videiras, embora estas também tenham sido enxertadas em bravo. As ameixieiras e pessegueiros também se enxertaram em bravo, todos estes na Quinta do Olival, em Figueiró dos Vinhos. As macieiras e pereiras foram enviadas para reprodução para um viveiro profissional conhecido.

Contamos ter numerosas variedades disponíveis no fim do ano, se tudo correr de acordo com as perspectivas. As quantidades enxertadas são menores, para não corrermos o risco de sobras, como foi o caso este ano. Convém portanto estar atento à lista disponível no Gorgulho de Inverno de 2009.

§

PEDIDOS DE SEMENTES

Notícias da associação

Este ano deram entrada 41 pedidos, das 6 variedades disponíveis a cada sócio. Isto significa quase uma duplicação das requeridas no ano de 2007. Estes números são do final de Março, e é possível que aumentem devido à entrada de novos associados durante os meses de Abril e Maio. Por enquanto temos tido alguma flexibilidade na extensão do prazo estipulado, possível devido ao número de associados ser ainda baixo (até ao momento são 118).

As espécies mais requeridas foram as seguintes: no topo novamente o feijão com 24 pedidos, seguida de perto pelo tomate com 20, as crucíferas (couves, nabos, agriões) 17, o pimento 11, o melão, alface e a beringela 10, a abóbora 9, a melancia, o pepino e o alho seco 8, cereais vários 6, leguminosas várias, cucurbitas várias, milho e ervas de cheiros 4, a cebola, trigo e fava 3 e os restantes legumes não foram solicitados mais do que 2 vezes.

Analisando os pedidos chegamos à conclusão seguinte: as espécies mais apetecidas são precisamente as com maior expressão dentro da associação, excepção foi a beringela e o alho seco pela positiva. Por outro lado, as ervilhas, cebolas, o milho, fava e principalmente o trigo foram quase ignorados.

Muitos poucos sócios se propuseram como guardiões. De facto, em números inferiores aos do ano passado, o que foi um pouco decepcionante, tendência esta que tentaremos inverter no próximo ano.

§

SMALL IS BEAUTIFUL

(O QUE É PEQUENO É BELO)

José Mariano Fonseca

A palavra pequeno pode assumir um duplo sentido, por vezes contraditório, consoante o contexto em que é aplicada, aliás como muitas no léxico gramatical português. Os nossos congéneres ingleses ao conciliarem a palavra pequeno e belo pretenderam por certo evidenciar toda a carga positiva que esta palavra pode açambarcar. Quanto a mim, este dueto encaixa na perfeição quando penso na actividade agrícola de pequena escala ou familiar, as pequenas quintas são em geral redutos do belo na sua plenitude. A relação que os pequenos proprietários destas quintas, quase sempre geridas em família, assumem no seu dia a dia com o espaço de cultivo, com as suas culturas e pequenas criações, é sem dúvida algo de extraordinário e culmina quase sempre na obtenção de produtos de qualidade impar, os quais transparecem no aspecto e no sabor toda a dedicação de que são alvo, no decurso da sua concepção. Eu atrevo-me mesmo a comparar um pequeno agricultor, hortelão ou jardineiro, a um artesão local, que se dedica de forma extrema, na sua modesta oficina, ao fabrico de peças de rara beleza e onde lhe imprime um cunho pessoal. É assim que eu vejo e sinto este tipo de actividade agrícola, em especial quando a mesma é feita pondo em pratica os princípios preconizados para uma agricultura sustentável.

Em geral as pequenas propriedades constituem frequentemente uma oportunidade para comprovar experimentalmente alguns modelos de sustentabilidade local que dificilmente são vistos em projectos de grande envergadura. Estes modelos de exploração estão capacitados para que a sua aplicação se faça em meio rural ou citadino, dado o seu carácter adaptativo.

Até em países como os Estados Unidos da América, está comprovado que o desaparecimento das pequenas

explorações agrícolas em certas regiões e a integração destes espaços em grandes áreas agrícolas de cariz industrial, teve como principal consequência o desaparecimento de pequenas cidades, a desertificação humana de regiões e um isolamento crescente de quem trabalha a terra. Hoje, em certas regiões, reconhece-se que esta política de centralização da produção agrícola foi um erro grave e assiste-se a um movimento em sentido contrário. Verifica-se cada vez mais, o regresso às terras abandonadas e a recuperação ou edificação das antigas quintas familiares, agora geridas por jovens citadinos ou descendentes de agricultores que haviam partido para as cidades em busca de promessa ilusórias. Esta nova geração de agricultores, trás consigo menos experiência, como tal privilegia o contacto com os poucos habitantes que subsistiram, e procura que estes partilhem a sua sapiência. Aliada à menor experiência surge uma dinâmica inovadora na forma como se relacionam com o meio (preocupações ambientais e sociais) e nas estratégias que colocam em prática para tornarem mais rentáveis os seus projectos, aliando a sua actividade agrícola a outras actividades satélite, nomeadamente a realização de cursos temáticos, turismo, venda directa nas quintas, criação de clubes de consumidores, etc.

Apesar de pequeno, este movimento é belo e começa a fazer-se notar pelos excelentes resultados já conseguidos. Vindo o exemplo de uma nação, onde tudo se quer em grande ([ver http://www.growinggoodness.com/](http://www.growinggoodness.com/)), em que nem sempre prima pela excelência dos exemplos, mas que irremediavelmente dita as tendências deste mundo globalizado (que nem todos queremos, mas pelo qual todos somos condicionados), penso que este pode ser um prenúncio de que ainda vamos a tempo de arrepiar caminho e dar a devida importância ao papel que os pequenos agricultores podem desempenhar neste novo mundo que se pretende no futuro.

Em Portugal estamos habituados nos últimos tempos a ouvir falar das pequenas

produções apenas quando a ASAE é notícia nas investidas que realiza em prol da higiene pública e da segurança alimentar. Esquecemo-nos no entanto, que estes episódios não são exclusivos deste domínio, também eles se verificam, ainda que de forma menos “badalada” em superfícies comerciais e empresas de grande envergadura. O problema que está na base de tudo isto, é simultaneamente de natureza cultural e educacional, resultando na maioria das vezes da falta de escrúpulos de alguns empresários, mais preocupados com os lucros do que com a qualidade dos serviços prestados. É importante perceber que quando a limitação é imposta ao fabrico e à comercialização das pequenas produções, estas imposições são notícia essencialmente porque não cumprem os parâmetros existentes na legislação em vigor, que noutros países apenas é aplicada a estruturas produtivas e comerciais de uma certa envergadura (Industrial ou semi-industrial).

Em países vizinhos, Espanha, França, Itália e Inglaterra (entre outros), apesar de estarem na Comunidade Europeia, como nós, permitem e fomentam a existência das pequenas explorações familiares e as produções artesanais, encarando estas como uma mais valia considerável na consolidação das suas economias. Nalguns casos, como por exemplo Inglaterra, existe uma legislação muito abrangente e diversificada que reconhece a existência de uma multiplicidade de possibilidades associadas às produções caseiras e artesanais, muitas vezes realizadas em casa própria dos microprodutores, onde os critérios de higiene e segurança, não deixam por isso de ser menos exigentes, até porque como disse, considero que esta situação resulta de aspectos culturais e educacionais. A criação de legislação adaptada às pequenas produções e o reconhecimento da sua importância tem resultado em muitos destes países numa revitalização das economias locais, na fixação das pessoas à terra e na manutenção da actividade agrícola, na melhoria das condições de vida em comunidades ou áreas desfavorecidas, e

também, em muitos casos com benefícios para o ambiente, dado o carácter sustentável de muitas destas actividades. Por uma questão de comodidade ou falta de tempo cada vez mais os consumidores procuram as grandes unidades comerciais, no entanto, quando calcorreamos os corredores das grandes superfícies onde maioritariamente nos abastecemos de víveres frescos, muitos de nós desconhecemos que por vezes não muito distante das nossas residências, existem outras possibilidades para a sua obtenção, onde para além de acesso a produtos de qualidade impar, o nosso contributo pode ser imensamente ampliado.



Horta pequena mas diversa

O papel que desempenhamos enquanto consumidores e quando adquirimos os bens de consumo assume um papel importantíssimo, se equacionarmos que ao adquirir produtos em lojas de comércio tradicional, em mercados municipais (praças), em mercados de produtores locais ou nas suas quintas, estamos a contribuir para “subsidiar” o direito à existência de todas estas vertentes, desfrutamos de produtos de cariz artesanal (com cunho pessoal do produtor), contribuímos para minorar em muito o gasto energético associado ao processo de conservação e transporte de alimentos importados, revitalizamos a economia local e ajudamos a criar novas oportunidades de emprego, associamo-nos a iniciativas que visam a permanência das pessoas numa actividade profissional que é imprescindível a todos nós enquanto seres humanos. São os agricultores que produzem o que comemos, onde muitas vezes o escoamento das suas produções é o único estímulo e subsídio

que necessitam para continuar em muitos casos, a pôr em pratica os seus ancestrais conhecimentos ou legados, que de outra forma ficarão votados ao abandono e esquecimento.

A sabedoria dos antigos provérbios chineses ensina-nos que não devemos colocar todos os ovos no mesmo cesto, sob pena deste se virar e ficarmos desgovernados.

Imagine-se, as consequências no futuro se continuarmos a centralizar e aglutinar no sector agrícola, a exemplo do que à muito se faz na indústria. Sugiro um pequeno exercício de reflexão: suponha-se que os milhares de produtores de pequena escala, que ainda subsistem numa região, abastecendo centenas de pequenas unidades de venda, forem entretanto substituídos por algumas dezenas de produtores agro-industriais que abastecem algumas dezenas de grandes unidades comerciais. Considere-se que a conjectura económica a que essa região está sujeita se torna desfavorável, levando ao colapso de toda a estrutura produtiva e comercial entretanto montada. Os consumidores perdem poder de compra, os produtores abrem falência porque o preço de custo das suas produções não possibilita o cumprimento dos encargos fiscais e bancários para fazer frente aos investimentos dos seus megaemprendimentos, verificando-se o abandono da actividade. As estruturas comerciais mudam de região onde a conjectura económica seja mais favorável (condições sócio-económicas mais vantajosas). Imagine-se a dimensão da catástrofe.

As pequenas explorações familiares não se transferem de região, antes consolidam a sua existência com o incremento da sua actividade, que se quer sustentável e como tal, pouco dependente das flutuações das conjecturas económicas globais. A bem da sobrevivência económica do nosso país e da sua sustentabilidade, é mais do que tempo de enquadrar condignamente as pequenas produções criando um estatuto de pequeno produtor, adequado às várias realidades, que reconheça o direito ao

exercício da multiplicidade de actividades que esta realidade encerra, o que está em vigor não se aplica a este contexto. Enquanto continuarmos a ignorar o direito à sua existência, todos nós perdemos a oportunidade de apreciar a beleza de ser pequeno.

§

LEVANTAMENTO DE VARIEDADES REGIONAIS DO PLANALTO MIRANDÊS

José Miguel Fonseca

Durante os próximos oito meses, a região do Nordeste Transmontano vai ser percorrida na mira da existência de variedades desde há muito cultivadas neste canto de Portugal, desde hortícolas, fruteiras, cereais e plantas espontaneas (aromáticas e outras). Todo o património agrícola vegetal encontrado irá ser anotado, compilado e se possível exposto localmente num encontro entre Setembro e Outubro, em data a ser estudada e debatida com as entidades locais, na esperança da preservação e continuidade deste espólio.

Esta região situada geograficamente entre os rios Sabor e Douro, de altitude média que varia de 800 a 700 metros, abrange duas áreas. Uma conhecida por Terra Fria na parte mais alta e nortenha do planalto, com um clima rigoroso no Inverno de fortes nevões, estendendo-se pela Primavera com fortes geadas, às quais se seguem Verões quentes e secos. Aqui, nesta zona predomina o pastoreio e a cultura de cereais. A Terra Quente localiza-se nos vales adjacentes aos principais cursos de água, Douro e Sabor, de clima mais ameno à excepção dos meses de Dezembro e Janeiro que são 'geadeiros'. As hortícolas e fruteiras têm aqui grande implantação. Existem além de numerosas ribeiras, outros dois rios importantes, o Maças e o Angueira, com quilómetros de hortas ribeirinhas em terrenos férteis de aluvião, actualmente

pouco utilizadas, e grande parte delas deixadas ao abandono.

Este trabalho só continuará a ser possível graças ao patrocínio de um mecenas, a empresa Eolenerg, Empreendimentos Eléctricos, SA. Esta ajuda foi proporcionada pelo esforço do nosso simpaticante e amigo Eng. Aníbal Fernandes, e teve o apoio imediato da parte do Eng. Carlos Pimenta, sócio da empresa.

§

DIA INTERNACIONAL DA LUTA CAMPONESA

Plataforma Transgénicos Fora

A Plataforma Transgénicos Fora e a Associação de Agricultores do Distrito de Lisboa comemoram o dia 17 de Abril, pela defesa da Soberania Alimentar, e exigem políticas agrícolas e energéticas realmente sustentáveis

A crise alimentar que está instalada é consequência das políticas agrícolas que diminuíram drasticamente o número de agricultores e fizeram crer à opinião pública que vivíamos num mundo de abundância e de excedentes agrícolas. Mas as coisas não são assim. No nosso país, em particular, estamos altamente dependentes de importações alimentares, que já ultrapassam os 80% do consumo.

As subidas de preços verificam-se por todo o mundo e as manifestações de rua, do México a Marrocos, do Brasil ao Bangladesh, já conduziram a mortes e prisões. Segundo a FAO, o organismo das Nações Unidas para a alimentação e agricultura, o custo das principais matérias primas agrícolas subiu, a nível mundial, perto de 40% apenas em 2007. O trigo atingiu o valor mais alto em 28 anos, e o arroz, milho, soja e óleos duplicaram (nalguns casos triplicaram) em dois anos o seu preço ao consumidor. Os resultados, catastróficos, fazem sentir-se sobretudo nas regiões menos desenvolvidas: segundo o Banco Mundial a crise instalou-se em 37 países pobres, num total de 100 milhões de

habitantes. As Nações Unidas estimam ainda que, face às presentes tendências, até 2025 mais 600 milhões de pessoas estarão a passar fome para além dos 800 milhões que já a sofrem cronicamente neste momento.

Este drama global não é uma surpresa nem resulta de coincidências - constitui, isso sim, o culminar de um conjunto de opções políticas agrícolas (e, mais recentemente, energéticas) que os principais blocos económicos, incluindo a União Europeia (UE), têm vindo a implementar ao longo das últimas décadas. No entanto, em vez de reconhecer as causas e procurar novas estratégias, a agro-indústria portuguesa, em particular a dos alimentos compostos para animais, reclama mais do mesmo: apoios do estado e acesso irrestrito a transgénicos não autorizados na UE.

No entanto, tal como o mais recente estudo da agricultura global pôde constatar, os transgénicos não são de todo a solução para o presente nem para o futuro próximo, nem contribuem para o que realmente interessa a qualquer sociedade: eliminar a fome e a pobreza, melhorar as condições de vida da população rural e promover um desenvolvimento sustentável, justo, social e ambientalmente equilibrado. Nesta avaliação de 2500 páginas (o IAASTD, que envolve dezenas de países e organizações), realizada por mais de 400 cientistas e especialistas ao longo de quatro anos e trazida este mês a público, as soluções para as almejadas soberania e segurança alimentares passam sobretudo pela valorização das actividades tradicionais, pela salvaguarda dos recursos naturais e protecção da produção local, e pela canalização da produção agrícola para o consumo alimentar directo, em vez de ser desviada para outros fins.

Mudanças, precisam-se

Assim, de acordo com o princípio da precaução, e assumindo um ponto de vista assente na coerência, a política europeia e nacional em matéria de agricultura e alimentação deve ser urgentemente corrigida:

- a importação de carne proveniente de animais alimentados com transgénicos não autorizados para consumo na UE deve ser proibida;
- a aprovação de novos transgénicos deve ser sujeita a uma avaliação de impacto na agricultura tradicional e familiar;
- a meta de incorporação de 10% de biocombustíveis (provenientes de produção agrícola) nos transportes até 2020 deve ser abandonada;
- os apoios à agricultura devem ser dirigidos para o apoio às actividades de diversificação e policultura, maximização da soberania alimentar, redução do consumo de agroquímicos, criação de postos de trabalho e sustentação das comunidades em espaço rural.

Acordo de Blair House dificulta busca de soluções

No que concerne à política agrícola há que referir que o acordo de Blair House, que veio limitar o cultivo europeu de matérias-primas importantes para a alimentação animal, como a soja, tem necessariamente que ser revisto pois dificulta a resolução dos actuais problemas. Acreditamos que, deste ponto de vista, a pressão e apoio por parte da indústria de produção animal para que novas medidas permitam aumentar o cultivo na Europa das variedades tradicionais para estes fins não só seria benéfico como bem-vindo pelos consumidores portugueses.

Portugal deve competir na qualidade e diversidade

Todas as pequenas regiões têm necessariamente que optar por competir na qualidade e na diversidade e nunca no preço ou na quantidade. Infelizmente, em Portugal, constatamos que frequentemente, e em nome da competitividade, se envereda por estratégias das quais tendem a resultar elevados impactos não só ambientais, mas também sociais e económicos. Estas estratégias comprometem o desenvolvimento sustentável e o respeito pelas gerações futuras.

Estamos convictos de que Portugal está num ponto de viragem em que a opção por novas

estratégias, ecológicas e competitivas, ainda é possível!

O mercado nacional e internacional procura produtos animais livres de transgénicos

Uma estratégia de marketing que permite a diferenciação da agropecuária de qualidade é a rotulagem de produtos de origem animal (carne, leite, ovos) como livres de transgénicos ou sem OGM, ou seja, em que foram excluídas as rações transgénicas. Como a actual lei não impõe a rotulagem destes produtos quando provenientes de animais que tenham sido alimentados com OGM, os consumidores actualmente não podem optar por uma cadeia alimentar 100% natural. Quem será a primeira empresa a satisfazer o mercado português?

Não existe ainda evidência científica de que os transgénicos sejam seguros

Não se pode dissociar a questão do cultivo de transgénicos dos seus potenciais riscos, nomeadamente dos riscos para a saúde humana e animal. Apesar das referências científicas de testes toxicológicos ser muito limitado, são já vários os estudos que têm detectado múltiplos problemas na saúde dos animais sujeitos a experimentação. Parece-nos pois sensato promover actualmente um maior investimento na investigação e uma menor aposta no consumo. Note-se que a EFSA, Autoridade Europeia de Segurança Alimentar, não desenvolve actualmente quaisquer estudos independentes, baseando as suas avaliações de inocuidade dos transgénicos nos dados apresentados pelas próprias multinacionais que os comercializam. Enquanto a investigação em torno dos potenciais riscos não for totalmente independente dos interesses económicos, a alimentação portuguesa e europeia estará sujeita a novas e desagradáveis surpresas.



A Plataforma Transgénicos Fora é uma estrutura integrada por onze entidades

não-governamentais da área do ambiente e agricultura (ARP, Aliança para a Defesa do Mundo Rural Português; ATTAC, Associação para a Taxação das Transacções Financeiras para a Ajuda ao Cidadão; CNA, Confederação Nacional da Agricultura; Colher para Semear, Rede Portuguesa de Variedades Tradicionais; FAPAS, Fundo para a Protecção dos Animais Selvagens; GAIA, Grupo de Acção e Intervenção Ambiental; GEOTA, Grupo de Estudos de Ordenamento do Território e Ambiente; LPN, Liga para a Protecção da Natureza; MPI, Movimento Pró-Informação para a Cidadania e Ambiente; QUERCUS, Associação Nacional de Conservação da Natureza; e SALVA, Associação de Produtores em Agricultura Biológica do Sul) e apoiada por dezenas de outras. Para mais informações contactar:

info@stopogm.net ou www.stopogm.net

Mais de 10 mil cidadãos portugueses reiteraram já por escrito a sua oposição aos transgénicos.

§

RELAÇÃO DE CIDADANIA ENTRE PRODUTORES E CONSUMIDORES

Telma Guerreiro

telma.guerreiro@taipa-desenvolvimento.pt

O conceito Re.Ci.Pro.Co. (Relações de Cidadania entre Produtores e Consumidores), inspira-se numa prática que teve início há 40 anos no Japão, generalizando-se a outros países do mundo (Alemanha, Suíça, EUA, Canadá, Reino Unido, França, Portugal, entre outros).

Este tipo de intervenção tem por base a criação de contratos locais directos entre agricultores e consumidores, acrescentando a esta ideia uma dimensão territorial, colectiva e social e tem tido um impacte bastante positivo, do ponto de vista **social** (com o estabelecimento de laços entre agricultores e consumidores), **ambiental** (com o desenvolvimento de uma agricultura sustentável, a redução dos transportes e do

consumo de embalagens e a produção de outros desperdícios), de **saúde** (com o aumento do consumo de produtos frescos e de qualidade, com a administração reduzida de produtos de síntese), **económico** (com o aumento da segurança financeira para os agricultores, comercialização de produtos de qualidade a um preço acessível), **patrimonial** (com a revalorização das variedades locais) e **pedagógico** (com a sensibilização das populações para as questões dos desenvolvimento rural).

Este conceito é baseado num comprometimento recíproco, ou seja, por um lado, o comprometimento dos consumidores em comprar os produtos aos agricultores e, por outro lado, o comprometimento dos agricultores em fornecer produtos de qualidade, assim como definir objectivos em comum com os consumidores, como por exemplo a manutenção de um certo tipo de paisagem, a preservação e valorização de variedades locais e a introdução de uma agricultura respeitadora do ambiente. Esta ideia tem subjacente o princípio de que todos somos responsáveis pelos estragos e benefícios que fizemos e pela consciência e envolvimento activo na mudança de atitudes e comportamentos face ao planeta em que vivemos.



Exemplos dos cabazes comercializados.

Este conceito foi introduzido em Portugal, em 2003, com a experiência piloto realizada na zona do Poceirão, tendo por base o quadro do projecto URGENTE (financiado pelo Interreg IIIB, pela INDE) e em Odemira no âmbito da acção 8 do Agris, pela Taipa, Crl.

Dado o carácter inovador deste Projecto, a Rede Portuguesa LEADER+ considerou

bastante relevante a sua realização em Portugal e nasceu o projecto Re.Ci.Pro.Co. que teve como resultados: a sensibilização e organização dos consumidores, operacionalizada pela ProRegiões; a generalização do sistema a outros territórios através do apoio técnico da INDE e da TAIPA, Crl; realização do Colóquio Internacional (ver www.urgenci.net); elaboração de um Guia Conceptual e Metodológico (www.leader.pt), sobre as diferentes práticas em Portugal; e a criação da Rede Nacional Re.Ci.Pro.Co.

No passado dia 22 de Janeiro foi criada a Rede Nacional que tem como objectivos, disseminar a metodologia Re.Ci.Pro.Co. a outros territórios, criar canais regulares de comunicação e informação entre os Membros e actuar junto de estruturas públicas e privadas no sentido de influenciar políticas públicas coincidentes com os objectivos da rede e que contribuam para a manutenção de espaço rural vivo.

A próxima actividade da Rede Re.Ci.Pro.Co. é já nos dias 16 e 17 de Maio em Odemira. O evento "Hortas Vivas", vai ser uma exposição de trabalhos desenvolvidos nas Escolas (Agrupamento de Odemira, Jardim de Infância Nossa Senhora da Piedade, Casa Beatriz Gambôa e Colégio Lápis de Cor Sonhador) sobre a temática das hortas, apresentação dos territórios de implementação Re.Ci.Pro.Co. (Odemira, Palmela, Sesimbra e São Pedro do Sul), conferências, palestra para a comunidade em geral sobre uma alimentação responsável e apresentação do levantamento de variedades regionais feita em Odemira pela Associação Colher para Semear. Este encontro tem como objectivo divulgar o conceito Re.Ci.Pro.Co às Associações de Desenvolvimento Local e à comunidade em geral, a partilha/avaliação dos sistemas actualmente implementados no país e o convívio e mostra de trabalhos das escolas envolvidas. Vão ser dois dias para darmos vida às Hortas que ainda existem no país mostrando a sua relação com a comunidade.

Acreditamos que esta Rede de relações é uma das formas de contrariar a tendência para o consumo de produtos massificados, a

falta de ética alimentar, o desaparecimento das pequenas explorações e o abandono dos meios rurais, por isso é nosso entender que municípios, associações, agricultores, consumidores e potenciais consumidores, devem juntar-se a este movimento que diz respeito a todos para um desenvolvimento mais saudável das nossas gentes e para um desenvolvimento sustentável dos nossos territórios.

§

O LUGAR DA SEBE NA AGRICULTURA

Eduardo Trindade

Em tempos a maior parte do território era ocupado por extensas matas, que com a crescente ocupação pela actividade agrícola, foram dando lugar ao campo de cultivo e prados que passaram a definir o espaço rural. A sebe manteve-se assim como um último nicho no qual as espécies florestais puderam coexistir na nova paisagem humanizada. Este último reduto da floresta relata de uma forma viva e presente a maneira como o Homem construiu a relação com a Terra e redefiniu a sua comunhão com a natureza. A sebe constituiu um espaço de abrigo a diversas espécies de aves e insectos predadores que garantem o equilíbrio ecológico, controlando pragas e doenças ao mesmo tempo que estabiliza o nível de fertilidade do solo. Essas práticas de equilíbrio do meio aliada a técnicas simples de reciclagem e compostagem (os matos no estrume de curral) legou-nos a nossa herança agrícola que se encontra em perigo de desaparecer.

Se outrora a sebe era uma constante no ordenamento dos campos cultivados, hoje não passa de uma reliquia, sem cabimento nas práticas intensivas e industrializadas. Contudo os seus benefícios são inúmeros:

- protecção contra o vento e geadas
- protecção do solo contra a erosão

- infiltração de águas das chuvas contribuindo para o equilíbrio do nível freático
- produção de lenha e frutos silvestres
- habitat para um sem número de animais, plantas e micro-organismos que lhe estão associados, assegurando a manutenção da estabilidade ecológica.

Para que estas funções possam ser cumpridas, a sebe deve ser uma ilustração do que é, ou seria, a flora climática da região onde se instala. Ou seja, da sua composição devem constar as árvores e arbustos que crescem espontaneamente nesse local. Para além da importância social e pedagógica implícita nessa escolha, que permite um 'em face' do indivíduo com a natureza, ao mesmo tempo que o reabilita para 'o que provém da sua terra'. A complexidade de um ecossistema, impossível de descrever, nunca se assemelhará à acumulação de elementos exóticos numa caricatura do que seria uma verdadeira sebe, sistemática do desmoronamento e desenraizamento da nossa sociedade e cultura contemporâneas.

O primeiro passo no planeamento de uma sebe será a avaliação da flora local. Trabalho de investigação que poderá necessitar de recorrer a alguma literatura, caso a destruição e nivelamento sejam bastante acentuados, deixando dúvidas sobre a potencial flora climática. Depois seria de todo o interesse criar um pequeno viveiro onde se reproduzissem, através de sementes colhidas na própria área, as plantas para o revestimento da sebe em questão. Nos tempos que correm, geridos pela velocidade desenfreada e conseqüente impaciência a tudo o que não seja imediato, seria um contraponto que nos poderia ajudar a 'enraizar' e encontrar um pouco de paz. De qualquer maneira, na quase generalidade de viveiristas só iremos encontrar exóticas e híbridos. Quando contemplamos a estrutura devemos assumir a criação de um sistema completo em vez de procurar imprimir uma determinada ordem ou 'limpeza', que apenas nos afasta do ecossistema natural e equilibrado. Da sebe devem fazer parte não apenas as árvores, mas também os arbustos, pequenas plantas, lianas e

trepadeiras (sim, também as silvas!), enfim todo o conjunto da comunidade de vegetais que estão presentes na floresta.

A sebe pode tratar-se de um simples alinhamento de árvores que definem uma propriedade, o revestimento vegetal de taludes ou encostas, faixas de maior ou menor dimensão que separam as culturas e definem a estrutura dos campos ou mesmo alargar-se para criar um pequeno bosque. Para isso, tudo depende da nossa disponibilidade, mas seria importante consciencializar que nunca se trata de perder área de terreno agrícola, mas sim de ganhar uma série de benefícios, sem os quais a produção sustentável pode não passar de uma miragem.

Numa realidade em que a floresta se tornou numa área de produção industrial e mecanizada, tornam-se cada vez mais escassos os exemplos do que seria a vida selvagem intacta. Os espaços foram invadidos por espécies exóticas, numa monotonia serial e devastadora que ameaça a biodiversidade e o próprio equilíbrio ecológico. É face a esta descaracterização que se torna tão importante a criação e recuperação de pequenas matas, bosquetes e de sebes que possam desempenhar um importante refúgio para inúmeras espécies ameaçadas. É o ponto de partida pedagógico de uma nova educação a preparar o trabalho que urge fazer!

§

VISITA AO EQUADOR

e a Red de Guardianes de Semillas



José Amorim e Sabine Mengel

jose.eduardo.amorim@sapo.pt e
samengel@gmx.net

Viajámos no início deste ano, para a República do Equador, na América do Sul, onde estivemos durante 3 meses, para participar no início de um projecto de

Permacultura Holzeriana⁽¹⁾ na montanha Ilalo, a cerca de 2.500 metros de altitude, na região de Quito, a capital do país, e uma das tarefas preliminares foi procurar sementes de variedades locais.

Travámos conhecimento com a "Red de Guardianes de Semillas", uma muito interessante organização a nível nacional, que trabalha para a salvaguarda das variedades tradicionais equatorianas. Congrega membros de todo o país interessados nesta tarefa e possui uma rede de 18 "Casas de Semillas" espalhadas pelo país, locais onde são conservadas as sementes locais e disponibilizadas para os membros e ao público. A associação publica uma revista 4 vezes por ano: "ALLPA (Terra em quichua, uma língua nativa) - Agroecología - Semillas - Sostenibilidad", que é enviada aos sócios e aos assinantes, com temas diversificados como soberania alimentar, experiências sustentáveis, cultura tradicional, agricultura ecológica, selecção de sementes, comercialização, botânica, saúde natural, gastronomia, actividades associativas, eventos, notícias nacionais e internacionais. A publicação tem o apoio de algumas instituições de cooperação internacional, como Swissaid, Heifer Internacional, World Neighbours e também instituições nacionais como ProBio - Corporación Ecuatoriana de Agricultores Biológicos, Instituto Allpa, Veco Ecuador, etc. E permite o trabalho remunerado de duas pessoas. Mas grande parte do trabalho desenvolvido, como por exemplo, a recolção de sementes é feito por voluntários, membros ou não da organização.

Desenvolvem ainda inúmeras actividades, como por exemplo um curso anual "Escuela de Diseño Ecológico", com parte teórica e prática numa horta comunitária, encontros, feiras de biodiversidade, etc. Possuem um excelente site na internet⁽²⁾, com ligações para os associados que desenvolvem actividades ligadas à comercialização de produtos, sementes, agroturismo, educativas, culturais, etc. Vale a pena visitar só para ver a enorme variedade de regiões, climas e culturas que se encontra no Equador. Desde as florestas equatoriais da

região amazónica e da costa do Pacífico às neves eternas dos cimos da cordilheira dos Andes.

O Equador é um dos 8 países do mundo com mais biodiversidade e berço de cultivares que se espalharam por todo o planeta como a batata, o feijão, o tomate, talvez o milho, e muitos mais. E possui inúmeras variedades de culturas nativas andinas, principalmente tubérculos, raízes, frutas e grãos, assim como os outros países desta região dos Andes, como a Colômbia, o Peru, a Bolívia e o Chile, que é reconhecida mundialmente como um dos maiores centros de origem de plantas cultivadas. Alguns investigadores estimam em 600 o número de variedades de batata que ainda se podem encontrar nesta região e no Peru são conhecidas cerca de 10.000 cultivares. Mas a biodiversidade, também aqui, não se esqueceu de trazer o "progresso", razão que justifica o trabalho dos "Guardianes de Semillas".

Efectuámos um intercâmbio de sementes com o grupo local de Tumbaco, a cidade perto de onde iniciámos o nosso trabalho: oferecemos uma colecção de sementes que tínhamos produzido na nossa horta alentejana, em Tamera⁽³⁾ e em troca ofereceram-nos uma pequena colecção de variedades locais, principalmente cereais, grãos andinos, leguminosas, e algumas hortaliças. A lista segue em baixo e está disponível, em pequenas quantidades, para os membros da Colher para Semear interessados em as reproduzir.

(1) www.krameterhof.at,

(2) www.redsemillas.org

(3) www.tamera.org

INTERCÂMBIO COM OS "GUARDIANES DE SEMILLAS" DO EQUADOR

Lista de Sementes

Cereais

183 - Trigo Pillaro, 2.800m, Mercedes Maiza - 65% germinación

572 - Trigo Amazónico, Mindo, 1.700m - Jul06

659 - Trigo Turujta - 100% Nov06

178 - Cebada (cevada)"Rita", Maria Yanraponta, Santa Rosa, 2.350m - Ago05 - 85% Nov05
267 - Cebada (cevada)"Zoila Sheile, Pisaleo, 2.300m, Jun05, 95% Ene06
296 - Maíz (milho) Cuzco, Quingeo, Cuenca - Ago05
368 - Maiz (milho) Amarilli, Quingeo, Azuay, Manuel Cruz - Ago05 - 100% germinación
635 - Maíz (milho) Colorado Grande, Blanca Vivango Nanolama, Turujta - Ago06, 100% Oct06

Grãos andinos

076 - Quinoa Temuco, Rogelio Simbana - Ago05 - 100% Nov05
370 - Amaranantho Boliviano, Rogelio Simbana, Allpa Tarpana, 2500m, - Ene06
500 - Amaranthus Quitoensis, Yuna Ataco, Riobamba - Jul06
612 - Amaranto Cochabamba, Bolivia - Abr05
617 - Amaranto Dorado, F Meneses, J Carrera, El Cactus, La Primavera - Ag06, 100%, Sep06
722 - Amaranto Rosado, Carlos Chamán, Finca Katanya, 2.400m - Oct05
FC002 - Girasol, Huerta Flor de Cáctus, Cumbayá, 2.450m - Sept06

Leguminosas

069 - Chocho (tremoco), Tola Chica - Ago 04 - 100% Mai 06
204 - Chocho (tremoco) Blanco, Carmen Zituana Pillaro - Agosto 05 - 100% Nov 05
531 - Frejol (feijão) Huevo del Quinde, Erminia Cachepuela, Turucta Chaupilona - Julio06
561 - Fréjol (feijão) Conejo Blanco, Octavio Cordero, Cuenca - Julio 06 - José Nasipucha
566 - Frijol (feijão) Vaquita, Rudolfo Pesantes/Octavio Corsero - Jul 06 - 90% germin Nov06
582 - Fréjol (feijão) Negro - Oct 06 - 40% germin
593 - Fréjol (feijão) Canário - Agosto 05 - Germin 40% Sept 06
708 - Fréjol (feijão) Capuli, Mariana Cunalata, Guápulo, 2.800m - Jun 07
724 - Fréjol (feijão) Toa, Katanya, 2.400m - Jun 07
730 - Fréjol (feijão) Abundancia, Vilcabamba, 1.800m - Agosto 07 - Leonor Loyola
000 - Frejol (feijão) Barero, Odilón Tuareg - Agosto06 - Küste Lange Bohne
000 - Fréjol (feijão) Lila, sin nombre, ni fecha, ni sitio
000 - Fréjol (feijão) 7 variedades (algumas perenes), Miguel, Tumbaco - Abr08
000 - Fréjol (feijão) Rústico, 2 variedades, Ilalo - Abr08

592 - Lenteja (lentilha) Pusa, Jesus Ugsha, Guangaje, 3.400m - 100% Set 06
626 - Alverjón (ervilha), Octávio Cordero, Azay, 2.500m, José Nasipucha - germin 100%
646 - Hava (fava) Blanca - 100% Oct 06
557 - Sarandaja (tipo de soja), Mindo, 1.700m - Jul06

Hortalças, frutas e flores

482 - Perejil (salsa) Liso, Ernesto Pfafflin, El Moro, Tumbaco, 2.400m, Junio06
495 - Lechuga (alface)Radichetta, Allpa Tarpuna - Jul 06
000 - Nabo Rustico, Ilalo - Abr08
648 - Ortiga Negra, Ernesto Pfafflin, El Moro, Tumbaco, 2.400m - Marzo 06
416 - Taxo (espécie de maracujá), Ernesto Pfafflin, El Moro, Tumbaco, 2.400m - Marzo 06
428 - Zynnia (flores), Cumbayá, 2.300m, M. Guerrero - 95% germin Abr. 06
000 - Red Floripondio, Zuleta - Abr08

§

AS ABÓBORAS

José Miguel Fonseca

Meninas, porqueiras, mogangos, cabacinhas, gerimus, chila, etc, são apenas alguns dos nomes mais conhecidos, das centenas, senão milhares de variedades de abóboras existentes do género Cucurbita, pertencente a importante família Cucurbitaceae, a qual também inclui o melão, a melancia e o pepino entre os mais cultivados e conhecidos. Para além destes também pertencem a cabaça, a lufa e o kiwano, embora menos utilizados.

As maiores abóboras cultivadas em Portugal são de três espécies distintas: a *moschata*, à qual são relativas as meninas, mogangos, frade, entre muitas outras. A origem desta espécie varia entre o México e a América Central. Têm frutos de variadíssimas formas, as mais comuns vão do redondo achatado ao oblongo mais ou menos comprido e largo, lisas ou com gomos, pouco variável na cor, quase sempre castanho alaranjado, a polpa é de um laranja vivo, espessa e textura firme, presta-se à confecção de doces e compotas. Como planta é a menos robusta das espécies

usadas, porém ramifica fortemente e é muito produtiva, as folhas largas tem uma penugem evidente, cor verde escuro e de forma pontiaguda, o caule de ligação do fruto a planta é caracteristicamente longo. As sementes da *moschata* são creme escuras e com a margem dentada.



Abóbora frade

A segunda espécie é a *pepo*, talvez a mais difundida e antiga entre nós. A sua origem é a região do México até aos Andes.



Abóbora porqueira

As variedades mais conhecidas são as porqueiras (várias) e as aboborinhas (courgettes). Muito utilizadas na alimentação humana e animal como o nome de algumas implica, de igual modo as sementes também são salgadas e consumidas como acepipes. As plantas da espécie *pepo* são de um vigor excepcional, podendo atingir vários metros de comprimento, necessitando de espaço para se poder desenvolver na plenitude. As folhas e caules são ligeiramente espinhosos,

em especial quando atingem a maturação, o caule é angular com cinco faces. Os frutos apresentam-se em diversas formas, as mais comuns, a redonda achatada e a alongada, ambas podem ser lisas ou com gomos, algumas variedades cobrem-se de numerosas protuberâncias. As sementes tem cor branco sujo, de forma alongada e achatada com orla simples e da mesma cor.

A terceira espécie a mencionar é a *maxima*, natural do norte da Argentina e vales abrigados do norte da região Andina. dá origem às variedades conhecidas por: gerimu, pau e okaido, além de numerosas outras.



Abóbora pau

A abóbora *maxima* é a espécie com maior variabilidade de todas, tanto no tamanho, como na forma e cor dos frutos; enquanto algumas variedades não vão além de um quilo, outras há com proporções gigantescas, as cores também divergem, do laranja vivo ao cinzento claro, verde escuro, listadas ou uniformes. As formas são na maior parte arredondadas, umas achatadas com alguns ou muitos gomos, as maiores tendem a ser quase esféricas com a base achatada e casca lisa. Uma particularidade nestes frutos de certas variedades, é a base apresentar uma cicatriz floral em relevo. A polpa é de um laranja vivo e noutras variedades amarela, geralmente doce e de textura firme. As sementes são cheias, abauladas e com a margem proeminente, de cor branco alvo ou creme amarelado. Toda a semente se encontra numa película

gelatinosa transparente quando seca e de fácil remoção nesse estado. A planta da abóbora *maxima* é muito vigorosa e ramificada, as folhas são largas e pubescentes, caules arredondados, macios e esponjosos.

Para além destas três existe ainda outra conhecida abóbora, a gila ou chila. É da espécie *ficifolia*, menos cultivadas que as anteriores e utilizada quase exclusivamente na confecção dos doces e compotas. É uma planta de grande vigor e hábito trepador, produzindo numerosos frutos se lhe fornecerem espaço adequado. Os frutos de cor verde sarapintados de branco tem uma casca fina e rija, a polpa branca é filamentosa e as sementes ovais arredondadas, planas com cor cinzenta e negra e em grande quantidade por fruto, os quais tem um grande poder de conservação, podendo chegar aos dois anos.



Abóbora chila com flores e planta a treparem

Resta mencionar uma ultima abóbora, embora de outro género, é mais propriamente uma cabaça, e conhecida por vários nomes como carneira, colombo, água e carne, sendo utilizada exclusivamente para doces e quando cristalizada é um dos ingredientes do bolo-rei. O nome botânico desta planta é *Lagenaria siceraria* e goza de grande vigor, sendo trepadora por natureza.

Os frutos são numerosos e podem atingir metro e meio de comprimento, estreitos, de forma cilíndrica, cor verde claro e casca fina. A polpa é branca e gelatinosa, com numerosas sementes ao longo do fruto, que

têm a forma alongada e abonecada, planas com estrias salientes, a cor é creme escura.



Abóbora carneira

Todas as abóboras são de fácil cultivo, e fornecem abundantes colheitas se as seguintes necessidades forem observadas: espaço, solos ricos em matéria orgânica e profundos, recursos hídricos e algum sombreamento. Na horta tradicional, a abóbora era consociada com o feijão e milho, prática conhecida e utilizada há muitas luas pelos ameríndios. Este hábito beneficia as abobreiras com a absorção de azoto pelo feijão, assim como do sombreamento do milho e da regas por este exigidas. Em situações de sementeira isolada, aplicar o sistema de abrir covas fundas, colocar no fundo estrume bem curtido ou composto, tapar com 5 a 10 cm de terra e semear 2 a 3 sementes afastadas por um palmo. Seguindo este exemplo, pode-se em anos de pluviosidade razoável, conseguir uma colheita de sequeiro. Ter em atenção de semear na altura devida, isto é, com o solo já aquecido e moderadamente húmido. O sucesso da sementeira pode ser afectado por solos demasiado húmidos e frios. Fins de Abril e princípio de Maio é a melhor época de propagação.

A colheita também tem os seus preceitos, além das aboborinhas que se consomem imaturas, todos os frutos devem ser colhidos

com maturação evidente, ou seja, 3 semanas após o começo da secagem da planta-mãe. Este procedimento garante melhor conservação das abóboras, assim como maior viabilidade e vitalidade por parte das sementes.

A polinização das abóboras é problemática entre variedades da mesma espécie, devido a este facto e por as flores serem muito atraentes para os insectos, em especial abelhas e vespas, a hibridização é frequente, só evitada por impedimentos físicos (floresta, elevações, construções) ou distanciamento, que pode ser além de 2 km dependendo da morfologia existente. No caso de hortas urbanas esta distância pode ser reduzida na presença de prédios e construções na proximidade.

A abóbora é uma planta alogâmica e auto-fértil. Se optar por cultivar mais de uma variedade da mesma espécie, para manter a pureza varietal pode recorrer a polinização manual, neste caso o procedimento é o seguinte, tendo sempre em conta a regra principal de observação atenta à abertura das flores: as flores macho e fêmea devem ser seladas com fita-cola (melhor a de papel para facilitar a reabertura) ao anoitecer do dia antes da abertura das mesmas, de manhã depois de secarem do orvalho, reabrir as flores retirando a fita-cola, arrancar a flor macho pelo talo, desfolhar cuidadosamente as pétalas da frente para trás de modo que o pólen fique exposto, aproximar à flor fêmea previamente aberta, roçar levemente as flores libertando o pólen e selar novamente a flor fêmea. Esta operação deve ser efectuada com relativa rapidez, lembrando a presença de insectos dispostos a intervir.

A flor macho é distinguida por se apresentar no topo de um talo fino e rígido, com a altura de um a dois palmos consoante o vigor das folhas da planta. A flor fêmea aparece na ponta de um fruto pequeno e imaturo que é o ovário. Se porventura for fecundada desenvolve-se formando a eventual abóbora. Estas flores tem uma disposição horizontal ou oblíqua, enquanto que a masculina tem uma posição vertical.

Outro método utilizado para prevenir polinizações indesejáveis é o de tapar as

plantas com redes anti-insectos. No entanto terá de, ou introduzir insectos, ou levantar a rede em dias alternados às outras variedades da mesma espécie, para que as flores sejam desejavelmente fecundadas sem hibridização.

Depois da colheita pensa-se de imediato na próxima sementeira (colher para semear), portanto há necessidade de obter sementes de boa qualidade, provenientes dos melhores frutos, colhidos das plantas mais vigorosas e saudáveis. A escolha dos frutos deve começar no próprio campo.

A recolha da semente também obedece a certos preceitos. Retiram-se as sementes das abóboras cortadas previamente, colocam-se num coador, com malha suficientemente larga para permitir a saída das películas, mas não a das sementes, retirando o excesso de material estranho. De seguida lavar debaixo de uma torneira que tenha boa pressão para libertar rapidamente o máximo de material ainda aderente. Segue-se a secagem: colocar as sementes num recipiente não aderente (por exemplo usar vidro ou cerâmica), instalar o recipiente em lugar quente e bem ventilado para uma secagem rápida. Evitar secar as sementes directamente aos raios solares, pois temperaturas acima dos trinta e cinco graus podem danificar seriamente as sementes. Depois de bem secas e antes de armazenar as sementes em definitivo, esfregar entre as mãos as pevides para que soltem uma película transparente que envolve algumas variedades.

Finalmente a conservação: os melhores locais são os frescos, secos e escuros e sem amplitudes térmicas exageradas. As vasilhas escolhidas devem ser de preferência as de vidro ou lata.

A viabilidade média das sementes de abóbora é de 4 anos, podendo chegar aos 6 anos com conseqüente diminuição da vitalidade.

§

DIVERSIDADE PLANETÁRIA

Congresso Mundial Sobre o Futuro da Alimentação e da Agricultura

12 a 16 de Maio em Bona



LOCAL, DIVERSO E LIVRE DE TRANSGÉNICOS
www.planet-diversity.org

Fátima Teixeira

Um convite a todos os amigos e defensores da biodiversidade no planeta para se unirem nesta celebração da diversidade natural e cultural da vida, na alimentação e na agricultura.

Durante as negociações da Convenção da ONU sobre Diversidade Biológica, durante 5 dias debater-se-á como os agricultores, os consumidores, os produtores de alimentos e suas comunidades podem cooperar para enriquecer e defender esta diversidade. Um movimento mundial de diferentes proveniências vai reunir-se pela causa comum da defesa da biodiversidade contra as ameaças e tendências destrutivas na agricultura, no desenvolvimento rural e na produção de alimentos. O congresso 'Diversidade Planetária' reunirá representantes de entidades locais e regionais de movimentos de base e de instituições que trabalham na tradição agrícola e alimentar, assim como na inovação e reconciliação com base na diversidade cultural e biológica.

Estes são alguns dos pontos chaves, que se vão discutir:

- Soberania de alimentos
- Acesso a alimentos, água e solo são para o povo
- Direitos do consumidor e relações justas com os produtores
- Alimentos tradicionais de qualidade
- Produção de alimentos e regiões livres de transgénicos
- Mulheres e agricultura
- Intercâmbio livre de sementes e melhoramento participativo

- Não às patentes à vida
- Livre acesso ao conhecimento e à diversidade
- Agro-combustíveis *versus* segurança alimentar
- Agro-ecologia e inovação biológica
- Jardins da esperança
- Os direitos dos povos indígenas e sua sabedoria
- Diversidade cultural e espiritual
- Sementes Terminator, árvores livres de transgénicos, biologia sintética e outras tecnologias que ameaçam a diversidade.

Entre os participantes portugueses vão estar presentes oficialmente as seguintes entidades: GAIA – Grupo de Acção e Intervenção Ambiental e a Plataforma Transgénicos Fora. A Colher para Semear vai estar representada por dois colegas que se encontram nesta altura na Alemanha. Esperemos no próximo boletim dar aqui notícia do que vai ser tratado neste evento, bem como estabelecer contactos com organizações congéneres da Colher para Semear, além de possibilidades de cooperação sobre o tema da biodiversidade agrícola com outros grupos com os mesmos objectivos da nossa associação.

Resta acrescentar que este evento tem uma organização numerosa, além de um comité científico com nomes de activistas sonantes na área da agricultura sustentável como é o caso de Vandana Shiva, entre muitos outros. Da organização fazem parte as seguintes entidades: **GENET** (Rede europeia de ONGs contra os OGMs), **Greenpeace**, **Amigos de la Tierra**, **IFOAM** (Federação Internacional de Movimentos de Agricultura Biológica), **ABL** (Comunidade de Agricultura Campesina, membro da Via Campesina), **EED** (Serviço das Igrejas Evangélicas para o Desenvolvimento), **German NGO Forum on Environment and Development**, **IG Saatgut** (Comunidade para sementes livres de transgénicos), **Genethisches Netzwerk** (Rede de Genética Ética), **Heinrich Boll Stiftung**, **Save Our Seeds** (Zukunftstiftung Landwirtschaft) - Secretariado e entidade legal, **VDW** (Federação de cientistas alemães).



COLHER PARA SEMEAR

REDE PORTUGUESA
DE VARIEDADES TRADICIONAIS

BOLETIM DE INSCRIÇÃO DE SÓCIO

(Por favor, preencher com letras bem legíveis, de preferência com maiúsculas)

Nome: _____

Morada: _____

Localidade: _____ Código Postal: _____

E-mail: _____

Telefone/ Telemóvel: _____ Data de Nascimento: _____

Profissão: _____ Nacionalidade: _____ Nº contribuinte: _____

Quota anual: Sócio individual 35 € Sócio colectivo 70 € Sócio estudante /reformado
/menor de 16 anos 25 € Donativo de _____ Pretende receber sementes*? Sim Não

Pagamento por cheque nº _____ do Banco _____

No valor de _____ à ordem de Colher para Semear

Data _____ Assinatura _____

Preencha e envie para: **Colher para Semear**, Quinta do Olival, Aguda, 3260 FIGUEIRÓ DOS VINHOS

***Os sócios da associação Colher Para Semear têm o direito a: participar em todas as actividades promovidas ou apoiadas pela associação (p. e. encontros, oficinas de formação) com direito a redução de entrada quando praticável; receber o boletim interno e circulares; usufruir anualmente de um número de variedades, que serão definidas e disponibilizadas pela Direcção a partir de uma lista anual.**

COMO CONTRIBUIR?

Para concretizar estes objectivos, que são do interesse de todos nós, é necessária a contribuição do maior número de pessoas. De que modo?

- Através da inscrição como **sócio**;
- Pela oferta de **donativos** ou **géneros**;
- **Voluntariado** em diversas áreas: parte administrativa, pesquisa e trabalho de campo, recolha e propagação de sementes, inventariação, outras áreas relacionadas com as actividades da associação.
- Ser sócio **guardião de sementes**: comprometendo-se a multiplicar a(s) variedade(s) que apadrinhar, devolvendo à associação parte da sua colheita anual, devidamente seleccionada. Este sócio deve ter assistido previamente a uma oficina de formação sobre recolha, caracterização e propagação de sementes. O sócio guardião é mencionado no catálogo de variedades como reprodutor da semente que apadrinhar.